

Notas de Livros

BRASIL. Instituto Nacional do Livro. *Os livros são para ler; um manual de treinamento e orientação para encarregados de pequenas bibliotecas públicas*. Brasília, INL, 1976. 115p.

O Instituto Nacional do Livro desde 1973 vem ministrando cursos de treinamento intensivo para auxiliares de biblioteca (PROTIAB) a fim de dar o mínimo de formação técnica aos responsáveis pelas pequenas e distantes bibliotecas públicas do interior brasileiro. A idéia do PROTIAB é fruto da incansável batalhadora Myriam Gusmão de Martins, que à época ocupava o cargo de assessora da então diretora do Instituto, a escritora e bibliotecária Maria Alice Barroso. A história do PROTIAB ainda deverá ser escrita. Inicialmente a idéia de tais cursos de treinamento sofreu acirrada crítica de uma parcela de bibliotecários, pois os mesmos pensavam que o auxiliar iria ocupar o lugar do bibliotecário. Houve, é claro, algumas distorções, mas, o medo maior ocorreu nos bibliotecários que exerciam, e talvez continuem, tarefas típicas de auxiliar de biblioteca...

O PROTIAB continua sendo ministrado até hoje. Nas aulas foram "utilizados textos diversos, alguns especialmente elaborados para o projeto e outros aproveitados de livros de Biblioteconomia escritos para estudantes de nível superior" (nota prévia, p. 5). Alguns instrutores criticavam determinados tópicos do programa, pois os mesmos entravam em minúcias (em especial na parte de Catalogação) que não teriam nenhuma utilidade para uma pequena biblioteca. Para sanar estas falhas o Instituto Nacional do Livro solicitou aos professores Antônio A. B. de Lemos, Vera Amália A. Macedo e Suzana P. M. Mueller — todos do Departamento de Biblioteconomia da Uni-

versidade de Brasília — a elaboração de um manual, bem simplificado, que pudesse servir de texto didático aos auxiliares de biblioteca.

O livro se destina a todos “aqueles que estejam iniciando um treinamento intensivo para assumirem o papel de encarregados de pequenas bibliotecas públicas municipais em lugares onde não existam bibliotecários devidamente capacitados” (p. 13).

O manual, dividido em dez capítulos, inclui a seleção e aquisição, registro, classificação e catalogação, arranjo dos livros, organização dos catálogos, empréstimo, serviços prestados aos leitores, uso dos catálogos, instalações e materiais, administração e leituras recomendadas. É escrito em linguagem bem simples e dá sugestões às bibliotecas que vivem com limitações financeiras, tais como “anotar num caderno comum o nome do leitor, e autor e o título do livro e a data prevista para sua devolução” (p. 53). Esta e outras idéias (empréstimo de livros sem o tradicional bolsinho, classificação simplificada, etc.) poderão assustar alguns bibliotecários conservadores, presos às técnicas e rotinas tradicionais, mas, o que importa é que os “livros existem para serem usados”.

(Murilo Bastos da Cunha, bibliotecário do Ministério das Minas e Energia, Brasília, DF.).

SILVA, Zander Campos da. *Dicionário de marketing e propaganda*. Rio de Janeiro, Pallas, 1976. 208p. Cr\$ 110,00.

Contém 1.800 verbetes usados pelos profissionais de mercadologia, publicidade e propaganda. Obra importante que veio preencher uma grande lacuna bibliográfica qual seja um texto em português que mostrasse o vocabulário utilizado pelos profissionais que trabalham nesta importante área da Comunicação.

“Do ponto de vista intrínseco, o dicionário de marketing e propaganda é obra oportuníssima, útil a leigos, estudantes e, mais do que tudo, aos próprios iniciados em Propaganda” (prefácio de J. Natale Netto).

O autor começou a coletar dados para o dicionário em 1962. É funcionário de uma agência de publicidade — Cannes Publicidade — e baseou seus verbetes em pesquisa em livros (bibliografia citada à página 199) e também de conceitos de uso comum nessa área.

Infelizmente, grande parte dos verbetes ainda não conseguiu encontrar o seu correspondente na língua portuguesa e, possivelmente, muitos deles realmente não conseguirão este intento tendo em vista que foram importados e implantados *ipso litteris* e, como tal, conseguiram uso comum juntos aos especialistas.

Verbete interessante para os bibliotecários encarregados de promoção de divulgação é o calendário promocional, onde estão arroladas as "datas importantes para se anunciar campanhas para lojas comerciais, de janeiro a dezembro" (p. 51-54).

Todos os verbetes contém informação referente a que área da mercadologia-propaganda é mais usado, isto é, se é na criação e arte (A), mídia (M, mídia direta (MD), etc.

A obra é importante para a coleção de referência de bibliotecas públicas, especializadas, profissionais de propaganda, publicidade, rádio, televisão e também aos professores e alunos dos Cursos de Comunicação.

(Murilo Bastos da Cunha, bibliotecário do Ministério das Minas e Energia, Brasília, DF.).

Índice CENATE, catálogo de teses universitárias. São Paulo, Centro Nacional de Teses, v. 1- 1976- Quadrimestral. Cr\$ 40,00.

As teses brasileiras há muito que necessitavam de um controle mais efetivo e que o seu acesso fosse mais facilitado. Existem algumas publicações elaboradas por universidades ou mesmo por associações de bibliotecários que se preocuparam em relacionar as teses de uma determinada região ou instituição. O Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) divulga, semanalmente, através da coluna "Teses científicas" do suplemento literário *Livro* do "Jornal do Brasil" as teses e dissertações incorporadas ao acervo de sua biblioteca.

O *Índice* CENATE é editado pela empresa Informações, Microformas e Sistemas S.A. — Rua Matheus Grou, 57 CEP 05415, São Paulo, SP — com frequência quadrimestral, sendo o preço de assinatura para 1976 no valor de Cr\$ 40,00. A publicação está dividida em cinco partes: 1 — arquivo-mestre, em ordem sequencial numérica fornecendo a referência bibliográfica da tese composta do autor, título, nível de pesquisa, instituição onde foi submetida, ano da defesa, número de páginas, orientador e número de microfichas; 2 — índice alfabético de

autores e orientadores; 3 — índice alfabético de assuntos; 4 — índice alfabético de universidades ou instituições de ensino superior onde as teses foram defendidas e 5 — índice a nível de pesquisa, informando quais as teses de mestrado, doutorado, livre docência ou titular.

É interessante notar que o estudioso poderá ter acesso às teses comprando-a sob a forma de microficha (Cr\$ 6,00 a unidade que comporta 60 páginas de texto) ou em forma de cópia (Cr\$ 2,50 por página). O primeiro número do volume 1 incluiu 117 teses das mais diversas áreas do conhecimento humano.

Se houver uma boa divulgação entre os professores, bibliotecários, universitários e demais interessados a publicação certamente deverá coroar-se de êxito, pois vem preencher uma grande lacuna na bibliografia brasileira. O Ministério da Educação e Cultura criou, dentro do seu Centro de Informática (CIMEC), um Banco de Dados de Teses, o qual terá a incumbência de controlar este tipo de material, mas, parece que seu trabalho ainda não vem obtendo os resultados esperados. Assim, o lançamento do *Índice CENATE* é oportuno, pois além de dar as informações bibliográficas, facilita de sobremaneira o acesso ao texto integral da tese por preços bem acessíveis.

(Murilo Bastos da Cunha, Ministério das Minas e Energia, Brasília, D.F.).

KATZ, Bill. *Library lit. 6: the best of 1975*. Metuchen, N. Y., Scarecrow Press, 1976.

Sempre existiram duas tendências distintas na biblioteconomia: a do bibliotecário-humanista e a do bibliotecário-cientista. São derivados das gêmeas simbióticas, Biblioteconomia e Ciência da Informação, nascidas das “duas culturas”, inseparavelmente unidas, mas nunca totalmente entrosadas. Em tempos variados, em sociedades diferentes, uma ou outra tendência recebe maior prestígio e se diz que os bibliotecários deveriam ser estudiosos e autores, ou então pesquisadores e analistas. Mas as duas tendências continuam produzindo suas respectivas saídas: trabalhos de pesquisas dos bibliotecários-cientistas e artigos gerais sobre biblioteconomia dos bibliotecários-humanistas. No momento, parece que a tendência científica tem a dominância no mundo ocidental, e o respeito profissional, cristalizado na forma de bolsas de pesquisa e promoções, caminha

mais facilmente em direção da pesquisa, dados, hipóteses e estatística. Mas a tendência humanista, vista como um desejo de escrever bem e comunicar com outros bibliotecários, é ainda suficientemente forte para preencher as inumeráveis revistas de biblioteconomia publicadas em inglês (lembrem-se da piada que dois bibliotecários fundam uma associação, e três uma revista?). Assim formou-se uma vasta e forte imprensa de biblioteconomia em língua inglesa, a qual inclui muitas contribuições de valor considerável.

Na realidade, existem artigos suficientes de valor aceitável, que permitem a uma editora norte-americana publicar uma antologia anual dos trinta melhores artigos no campo de biblioteconomia. "Library lit. 6: the best of 1975" é quase tão informal quanto o seu título; ela nem mesmo segue o calendário anual mas abrange o período de novembro a novembro. O método de seleção dos artigos é igualmente informal; anualmente um pequeno grupo de aficionados, assessorados, na ocasião, por poucos auxiliares escolhidos, encontram-se numa fazenda isolada no interior do Estado de Nova York, perto de Chatham. Lá eles realizam um ritual complicado, voltando e pechinchando, ficando cada vez mais confuso ao se aproximar o número mágico de 30 artigos. Então, terminada a tarefa, todos se dedicam à cerveja em lata, ao vinho e à boa comida oriental.

Como decidir quais são os "melhores" artigos? "A escolha é simplesmente subjetiva, baseada em experiências e num sentimento da qualidade tradicional de uma boa escrita". Uma declaração esotérica e rara, mas as publicações de bibliotecários são também freqüentemente individuais e difíceis de classificar. O critério de seleção é apropriado ao material e produz uma antologia que é sempre interessante, um livro que pode ser lido com proveito na cama ou numa longa viagem de ônibus. Esses não são trabalhos de pesquisa, nem são áridas compilações de fatos; são artigos em que bibliotecários falam com outros bibliotecários, relatam situações, exprimem suas esperanças e receios.

Comentários sobre novas enciclopédias, cooperação entre arquivistas, os bibliotecários de Napoleão, e a atitude dos bibliotecários frente à música dos pretos pobres dos EE.UU., escritos por pessoas de destaque e por estudantes desconhecidos. Para a escolha dos "melhores" pergunta-se se o trabalho é suficientemente interessante e bem escrito para ser preservado na forma de livro.

As revistas das quais foram selecionados esses artigos mostram padrões interessantes; o Wilson Library Bulletin contribuiu sozinho com seis artigos enquanto o Library Journal e o New Library World ofereceram juntos outros seis artigos; The Assistant Librarian and PNAL Quarterly contribuíram cada um com dois artigos e os quatorze artigos restantes originaram de quatorze revistas diferentes.

Do meu ponto de vista, acho que o mais importante aqui é que os maiores contribuintes dessa antologia são publicações gerais e não publicações de pesquisa; parece haver uma dicotomia entre os dois tipos de revista.

Quando nós consideramos a situação brasileira, notamos a ausência de revistas desse tipo; as nossas se baseiam na universidade ou na pesquisa e busca uma audiência de alto nível. Elas não almejam aumentar a comunicação com um grande número de profissionais, nem são o tipo de publicação que seria lida por interesse, mas sim por dever. A explicação mais aceitável é que isto é mais uma das numerosas distorções de uma profissão jovem, que desaparecerá com o tempo. Outro ponto de vista é que as revistas brasileiras são produtos de bibliotecários-cientistas, como uma reação dos pesquisadores contra os bibliotecários-humanistas que tanto impediram o progresso da profissão nos seus primeiros tempos, por exemplo a sucessão de escritores que eram diretores da Biblioteca Nacional. Enquanto a profissão aumenta seus quadros, seu poder aquisitivo e sua capacidade pessoal, surgirá uma procura para os canais generalizados de comunicação entre bibliotecários, nascendo aí a imprensa geral da biblioteconomia. O desafio para o bibliotecário brasileiro constitui no seguinte: partindo da pesquisa com artigos de bibliotecários cientistas, ser capaz de unir as duas tendências e produzir trabalhos gerais de alto nível com bases científicas no campo da biblioteconomia.

(Cavan McCarthy, Professor visitante do Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais).